

DESVELANDO OS PIORES FILMES

UNVEILING THE WORST MOVIES

Roselia Cristina de Oliveira¹

RESUMO

O presente trabalho trata da análise crítica de três filmes que foram por mim considerados enquanto produções cinematográficas inferiores e que satisfazem apenas a massificação do cinema, e que não agregam elementos significativos e que possibilitem enxergarmos enquanto obras de referência. Foram analisados os filmes, Norbit; Sr. & Sr^a Smith e Uma viagem para a Itália. Os três filmes abordam temáticas diferentes, podemos considerá-los como grandes produções midiáticas, mas que apresentam qualidade duvidosa, inclusive com roteiros que ofertam conteúdos depreciativos e até mesmo violentos. Na minha opinião, são desnecessários para uma produção cinematográfica. Para fundamentar a minha crítica recorro a autores como Deleuze, Ecléa Bosi e Pierre Bourdieu que definem algumas questões pertinentes, acerca da cultura e das relações de poder que perpassam os grupos que insistem em construir propostas que promovam lucro sem qualidade e sem profundidade.

Palavras-chave: Indústria Cultural. Campo de poder. Localização geográfica

ABSTRACT

The present work deals with the critical analysis of three films that have been considered by me as inferior and film productions that satisfy only the massification of cinema, and that don't add significant elements and to see While works of reference. The films were analyzed, Norbit; Mr. & Mrs. Smith and A trip to Italy. The three films deal with different themes; we can consider them as major media productions, but which have dubious quality, including scripts that offer derogatory content and even violent. In my opinion are unnecessary for a film production. To substantiate my criticism turn to authors such as Deleuze, Ecléa Bosi and Pierre Bourdieu that define some relevant issues about culture and relations of power that permeate the groups who insist on building proposals that promote profit before quality and without depth.

Keywords: Cultural Industry. Power field. Geographic location.

¹ Roselia Cristina de Oliveira, Potiguar. Doutoranda (PPGED/UFRN) Professora. Graduação: História (Licenciatura e Bacharelado) – UFRN / Pós-graduação: Mestrado em Educação (PPGED-UFRN). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4853704836448136> Email: rosecrisoliveira@yahoo.com.br

NORBIT²

Norbit (Eddie Murphy) foi criado pelo Sr. Wong (Eddie Murphy), que o encontrou ainda bebê no Restaurante e Orfanato Worton Dourado. Foi neste local que ele conheceu sua alma gêmea Kate (Thandie Newton). Eles se tornam amigos inseparáveis. Até ela ser adotada e deixar o local. Aos 9 anos, Norbit é ameaçado por três garotos da escola, mas é salvo por Rasputia (Eddie Murphy), uma robusta garota de 10 anos. Os dois crescem, namoram e se casam. Juntamente com seus irmãos Jack Grandão (Terry Lewis), Azulão (Mighty Rasta) e Earl (Clifton Powell), Rasputia, administra a construtora Latimore. Norbit é empregado da empresa, sendo sempre ridicularizado pelos cunhados. A vida de Norbit não anda nada bem, mas ela muda após reencontrar Kate, que decide comprar o antigo orfanato do Sr. Wong, porém o que Kate não sabe é que o seu noivo, Deion (Cuba Gooding Jr.), planeja transformar o local em um bar de strip-tease, contando com a ajuda dos irmãos de Rasputia. Reanimado por ter reencontrado Kate, Norbit ganha confiança e aos poucos, passa a enfrentar a esposa e sua família.

INFORMAÇÕES E FICHA TÉCNICA:

Estreia: 09/03/2007; indicado ao Oscar de Melhor Maquiagem, perdendo para o filme, Piaf – Hino ao amor. O ator Eddie Murphy interpreta 3 personagens (Norbit, Rasputia e Mr. Wong). O filme ganhou 3 Prêmios Framboesa de Ouro: pior ator: Eddie Murphy; pior ator coadjuvante: Eddie Murphy; pior atriz coadjuvante: Eddie Murphy. Foram indicados nas categorias de pior filme; pior diretor; pior roteiro; pior dupla; pior ator: Cuba Gooding Jr. Gênero: Comédia; Direção: Brian Robbins; Duração:

102 min. Classificação: 12 anos; Diretor de Fotografia: Clark Mathis; Produção: John Davis, Eddie Murphy, Michael Tollin; Roteiro: Charles Q. Murphy e Eddie Murphy, David Rohn, Jay Scherick; Maquiador: Rick Baker; Trilha Sonora: David Newman. ELENCO: Eddie Murphy = Norbit, Sr. Wong, Rasputia; Thandie Newton = Kate; Terry Crews = Big Jack; Clifton Powell = Earl; Lester Speight = Blue; Cuba Gooding Jr = Delon Hughes; Katt Williams = Lord Have Mercy; Mighty Rasta = Azulão; Anthony Russell = Giovanni; Marlon Wayans = Buster; Mrs. Ling Ling = Alexis Rhee; Norbit Age 5 = Khamani Griffin; Preacher = Richard Gant; Event Organizer = Kristen Schaal

SR. & SR^a SMITH³

John (Brad Pitt) e Jane Smith (Angelina Jolie) são um casal suburbano com um casamento normal e sem vida. Ele é engenheiro de sucesso, e Jane uma empresária do ramo de sistema de informática. Cada um tem um segredo que o outro desconhece: são lendários assassinos. Recebem a mesma missão e essencialmente cancelam a missão um do outro, acabam trocando tiros entre si quando recebem a missão de matar um ao outro. Finalmente enquanto guerreavam em casa eles se reconciliam e descobrem que suas agências teriam armado a mesma missão para ambos, afim de eliminassem o problema. Por fim as agências enviam assassinos para eliminá-los.

INFORMAÇÕES E FICHA TÉCNICA:

Foi adaptado de uma série de TV Americana de 1996. Teve um orçamento de 100 US\$ Milhões de Dólares. Gênero: Ação, Comédia, Romance, Suspense; duração: 120

² 2007, Brian Robbins, EUA.

³ 2005, Doug Liman, EUA.

min; distribuidor: FOX Filmes; direção: Doug Liman; produção: Arnon Milchan et. ali; roteirista: Simon Kinberg; diretor de Fotografia: Bojan Bazelli; música: John Powel; dublê = Scott Waugh e Chad Stanelski; elenco: Brad Pitt = John Smith, Angelina Jolie = Jane Smith, Vince Vaughn = Eddie, Adam Brody = Benjamin Danz, Kerry Washington = Jasmine, Keith David = Pai, Chris Weitz = Martin Coleman, Michelle Monaghan = Gwen, Jerry T. Adams = Guard-Bull, Melanie Tolbert = Jamie, Stephanie March = Julie, Perrey Reeves = Jessie, Theresa Barrera = Janet, Jennifer Morrison = Jade, Rachael Huntley = Suzy Coleman, William Fichtner = Dr. Wexler (Terapeuta), Angela Bassett = Chefe de Sr. Smith.

UMA VIAGEM À ITÁLIA⁴

Steve Coogan e Rob Brydon são convidados pelo jornal *The Observer* para realizar uma viagem pela Itália, onde deverão avaliar seis diferentes restaurantes. Entre as cidades de Ligúria, Toscana, Roma, Amalfi e Capri, os amigos se envolvem em confusões e propõem novas imitações de atores.

INFORMAÇÕES E FICHA TÉCNICA:

Gênero: Comédia dramática; estreia: 25/04/2014; duração: 1h 48 min.; produção: British Broadcasting Corporation – BBC; distribuidor brasileiro: Califórnia Filmes; direção: Michael Winterbottom; produção: Melissa Parmenter, Andrew Eaton; roteirista: Michael Winterbottom; elenco: Rob Brydon = Rob, Steve Coogan = Steve, Rosie Fellner = Lucy, Marta Barrio = Yolanda, Claire Keelan = Emma.

COMENTÁRIO

Considero o cinema uma das mais importantes criações da humanidade. Uma máquina de sonhos que alimenta as inúmeras engrenagens de nossa imaginação. Deleuze (1985, p. 20) nos instiga a relacionar o cinema, como sendo “filho da Ciência Moderna, último rebento de uma linhagem que abriga nomes importantes como Kepler, Galileu, Descartes, Leibniz e tantos outros”. Sem dúvida, a Sétima Arte tem uma descendência nobre, que pode ser explicada pelo fato de se integrar à concepção inovadora que a ciência moderna vem trazer do movimento e que marca a Revolução Científica do Período Moderno da nossa história. Eu concordo plenamente com ele, se pensarmos o quanto as novas tecnologias transformaram a indústria cinematográfica nos últimos tempos. Entretanto, vejo com cautela a festa midiática de grandes empreendimentos e observo o quanto persiste a invisibilidade de grupos que fazem cinema fora do eixo Hollywoodiano, que tentam abrir espaço para sua arte, a contrapelo, por perceber que os espaços e suas representações não são democráticos. A política das grandes empresas, ditam as regras de como devem ser produzidos os melhores filmes, os que dão mais bilheteria, os que promovem a beleza e o poder de determinados setores. Efeitos especiais, patrocínio e marketing alimentam a máquina de fazer sonhos e mantém um processo desigual de oportunidades para artistas e demais profissionais que tentam a carreira no cinema.

Fiquei bastante motivada para falar sobre os meus critérios de escolha dos piores filmes, porque considero pertinente falar de como atribuo sentido ao mundo fantástico do cinema. Concordo com Marilena Chauí, que

⁴ *The trip to Italy* (2014). Direção: Michael Winterbottom, Reino Unido.

analisa o poder de manipulação da indústria cultural e nos convida a refletir quando define,

[...] a cultura como lazer e entretenimento, diversão e distração, de modo que tudo o que nas obras de arte e de pensamento significa trabalho de sensibilidade, de imaginação, de reflexão e de crítica, nesse sentido, não vende. Não há interesse do público em geral. (CHAUÍ, 1996, p. 329).

Por isso vale massificar, banalizando a expressão artística e intelectual. Importa gastar milhões de dólares, e isso a Indústria cinematográfica Americana sabe fazer como ninguém, e alimenta a criação de filmes neste estilo. Atores que se destacam e que garantem bilheteria são convidados a embarcar na vibe massificada, e nisso vale tudo, inclusive bater em mulher e tentar assassiná-la.

Encontro aporte em Pierre Bourdieu (2015, p. 25), que analisa brilhantemente a violência simbólica, e nos fala,

[...] que ela nunca se exerce, de fato, sem uma forma de cumplicidade daqueles que a sofrem. Sua manutenção não seria possível sem a colaboração, consciente ou inconsciente, direta ou indiretamente interessada, não só de todos os importadores de produtos culturais americanos, mas também de todas as instâncias culturais que organizam o processo de conversão coletiva.

E nesse sentido, “estabelece que as artes de viver dominadas sejam quase sempre percebidas, mesmo por seus praticantes, do ponto de vista destruidor e redutor da estética dominante”. De fato, o campo do poder é o espaço de relações de força e elas se configuram e se comportam de acordo com o mercado. A dominação é o efeito indireto

de um conjunto complexo de ações que se engendram na rede cruzada e infelizmente, as artes estão a serviço desta estrutura.

Nesse sentido, escolhi três filmes que considere desastres cinematográficos de acordo com seus roteiros e direção. Entre eles, destaco *Norbit*. Um fiasco de produção. Acompanho a carreira do ator Eddie Murphy, e o considero um dos representantes dessa indústria cultural dominadora que utiliza atores midiáticos para manter seu propósito ideológico de manipulação e ânsia de lucro. Considero esse filme um dos representantes desse processo de manipulação, também pela presença de bons atores, mas infelizmente em processo avançado de alienação acerca de sua realidade. Lembrando da luta contra o preconceito que a população negra vivencia nos Estados Unidos, não consigo aceitar que atores negros se submetam a situações desrespeitosas quanto ridicularizar pessoas, usar de violência e banalizar relações.

E falo desse processo de alienação como fator determinante para a manutenção do estado de coisas. Não acredito que pessoas militantes, sabedoras dos seus direitos, aceitariam interpretar cenas em que humilham e discriminam. Não acho que pela arte, vale tudo. Há que se ter critérios de escolha de seus trabalhos, sabendo que alguns filmes marcam definitivamente alguns atores e atrizes. E para mim, Eddie Murphy ficou marcado negativamente, pelos três papéis que representa neste filme.

São gritantes as atitudes preconceituosas e discriminatórias, pelo desrespeito que os homens se referem a uma mulher que foge aos padrões considerados pela sociedade como “normais”. Não gostei da proposta de roteiro para a comédia, e nem da forma como os personagens se relacionaram na trama.

Penso no que ele pode me acrescentar pela mensagem que tenta passar para o público e não encontro. Tentei me divertir com as cenas e não consegui. Não era uma comédia. Passei a maior parte do tempo observando falas e gestos que na verdade me trouxeram repulsa e não consegui rir das situações que foram roteirizadas como engraçadas.

É lógico que a maquiagem e algumas expressões utilizadas para os papéis que Eddie Murphy representa com os três personagens são significativas, ele é talentoso na imitação. Mas confesso que seu gestual não foi dos melhores. As piadas são de um mau gosto fora do comum. Algumas cenas de absurda agressividade de Rasputia com Norbit, com a vizinha e o cachorro são ruins demais e diria até desnecessárias.

O filme tem início em 1968, como pano de fundo temas interessantes que poderiam ter sido melhor explorados como a situação do Orfanato dividir espaço com um restaurante, a questão da adoção e do abandono de crianças negras, o orfanato ser administrado por um Chinês, bem como o relacionamento amoroso entre Rasputia e Norbit, mas foram pouco explorados ou feitos de maneira inadequada.

Algumas cenas ficaram marcadas pelo mau gosto, como o Sr. Wong xingando Norbit de Mariquinha na frente das crianças, revelando a inadequação e o desrespeito do responsável pelo Orfanato, bem como a estranha mania de caçar baleias com lanças de verdade colocando em risco a vida das crianças como se fosse brincadeira, me remeteram aos maus tratos das instituições que recebem crianças e adolescentes em nosso país.

Algo interessante de ressaltar, foi o companheirismo de Norbit e Kate fruto da carência e do isolamento que enfrentam ao serem abandonados. Chama atenção o

comportamento subserviente e apático de Norbit frente as atitudes de uma criança e mulher dominadora.

Excessos de agressividade e ironias nas relações e cenas de tortura, extorsão e desrespeito são constantes. Destaco uma das cenas em que a Rasputia, no dia do casamento, sendo tratada como objeto e com termos depreciativos: “vaca”, “baleia vestida de noiva”, “você casou com um gorila”, “você vai precisar de muita banana, para a sua gorila nova”. Não vejo graça alguma na piada relacionada ao corpo, a defeitos físicos, sou contra a piada que humilha. Não há graça no sofrimento do outro. É preciso deixar isso claro para crianças e adolescentes. Desnecessário fazer um filme que considera comédia cenas grotescas de desrespeito. Há limites que precisam ser mantidos.

Numa época em que se banaliza a vida, são comuns os atos de violência, não dá para aceitar que esses comportamentos sejam reprisados como comédia, atribuindo o riso e a alegria a situações de desrespeito. É fato em nossa sociedade o elevado índice de feminicídios, assassinatos, agressões e situações vexatórias que oprimem a mulher.

Eddie Murphy tentou juntar num único filme todas as mazelas sociais, mas trouxe uma mulher que oprimia e traía o marido com o professor de ginástica na sua cama. Se vê reações passionais. A cena do desabafo dele no teatro de bonecos no orfanato, “eu cansei de você mandar em mim” retratam esse momento. A tentativa de refazer a vida, os conflitos pela venda do orfanato, a forma como acontece o casamento de Kate são partes de uma proposta de filme que poderia ter tomado um rumo mais significativo. Assim, considero Norbit um filme inadequado e que absolutamente não acrescenta em nada.

Seguindo numa proposta de exacerbada violência, trago a minha segunda escolha, o filme *Sr. & Sr^a Smith*. Considero como um dos piores filmes que já vi, pela péssima proposta de roteiro, ofertando cenas com forte conotação de violência doméstica, agressão física entre o casal, tentativas de assassinato e agressões verbais, que em minha concepção seriam desnecessárias para compor um filme. As cifras que patrocinaram essa obra mantêm o sistema da Indústria Cultural funcionando a pleno vapor. E nesse sentido, representa um segmento midiático altamente rentável, ofertando a reprodução de uma violência simbólica entranhada em nossa sociedade, reproduzida pelos espaços de entretenimento e que precisa ser combatida. A Violência de gênero, o desrespeito, as ameaças, a tentativas de assassinato, o uso de armamento pesado e de tecnologias de guerra configuram, segunda essa indústria, um atrativo de público com bastante aceitação.

No filme, a temática a ser explorada e que foi banalizada era a separação do casal, a dificuldade de convivência, a não aceitação do outro e das mentiras que o casal ofertava dentro de um contexto de vida a dois, que precisa de harmonia, diálogo e cumplicidade.

O tema da Violência contra a mulher é grave e atual, não pode em hipótese alguma ser estimulado pela mídia. Mas, pelo contrário, vemos que todos os dias somos condicionados a consumir notícias, produtos que violam a nossa integridade, mantendo esse estado de coisas. Dados de pesquisas nacionais e internacionais indicam que as mulheres são as maiores vítimas de violência. Há de fato uma banalização da vida.

É preciso que a sociedade pare de consumir e dar ibope a obras que estimulam a violência. É preciso investir na educação e vale trabalhar a temática em todos os espaços,

principalmente com as crianças, para que cresçam respeitando a diversidade.

Em termos de avaliação acerca das imagens, a tecnologia falou alto durante todo o filme. O roteiro proposto atingiu o objetivo que era utilizar a tecnologia na tentativa de eliminar os atores. E para isso, demonstram arsenal e motivação para tanto. O filme peca pelo clichê do *Sr. & Sr^a Smith* ficarem juntos e construírem uma relação após tanta violência. Não recomendo o filme. Na vida real as mulheres são as que mais sofrem com a força física e o poder de dominação masculina. São recorrentes as notícias de feminicídio e violência de toda a ordem. Vale tudo. Não recomendo qualquer obra de arte que alimenta esse tipo de violência.

Por último, e não menos ruim, considerei o filme *Uma viagem à Itália*, como um dos piores filmes que já assisti, porque não consegui me divertir. Levei um tempo tentando encontrar sentido para os longos diálogos encadeados entre os atores, deixando o filme bastante cansativo. E mesmo com toda a beleza da paisagem italiana, a trama não era envolvente e não me encantou. Na verdade, senti vontade de desligar a TV. Os trejeitos, as brincadeiras e excessos de imitações não tornaram o filme engraçado.

O cinema é a forma contemporânea da arte que envolve as inúmeras nuances de nossa sociedade e, com seus efeitos especiais, pode ampliar a imaginação envolvendo o público. Mas nem sempre as tramas conseguem esse feito. E o filme, não conseguiu envolver seu público. O ator que faz comédia, consegue o riso de sua plateia, o ator que apresenta um drama emociona seu público... É preciso uma sintonia entre o ato e, o que este representa, para que se consiga obter o retorno desejado. Fazer cinema é sem dúvida uma grande aventura que envolve profissionalismo e competência

de todos os envolvidos e, nesse caso, direção e roteiro não estavam em sintonia.

Sou encantada pela história e a cultura desse país e, esperava que o filme me levasse para o universo italiano, atribuindo significado a proposta inicial, que era viajar pela Itália avaliando os restaurantes. Achava que a arte da boa mesa, e todas as suas nuances, estariam representadas. Vendo a sinopse do filme, acreditei que havia um propósito interessante, e criei uma expectativa. Obviamente me frustrei. Acredito que para avaliar algo, precisamos conhecer minimamente. E nesse caso, pensei que a cultura do lugar seria evidenciada. Inclusive, gostaria de ressaltar que não considero a classificação do filme uma comédia, porque não ri em nenhum momento.

Não há uma história que sustente o filme, porque a viagem para avaliar os restaurantes foi banalizada. As longas narrativas que falavam de suas atuações se perdiam e entendiam. E até o encontro com a moça do barco, a visita a Casa de Byron, bem como a vinda do filho, são trechos significativos, mas que, na trama, aparentavam estarem desconectados com o roteiro. Apesar do enredo provocar um encadeamento de relações com as histórias de vida e a memória formativa dos dois atores, o excesso de brincadeiras durante esses diálogos, na minha concepção, invalidam o propósito do filme. Em vários momentos, percebemos que tanto Steve quanto Rob sentiam a necessidade de falar sobre suas vidas, suas atuações, suas frustrações, os papéis relevantes de suas carreiras e de como estão vivendo. Ademais refletiam acerca do futuro, de suas carreiras e do envelhecimento.

Mas, durante esses momentos, faziam referências a representações de atores famosos, trechos de poesia ou exemplos de como vivia Byron tornando suas reflexões

irrelevantes. Cada um deles carregava uma história de vida com peculiaridades (filha pequena, a relação com o filho adolescente, separação, romance, expectativa de ser chamado para participar de um filme, a péssima relação conjugal, o caso com a fotógrafa...). Estavam utilizando a viagem como pretexto para saírem de suas rotinas e, sem dúvida, esse seria o ponto interessante do filme, que não foi explorado.

Aqui faço uma relação com a importância das narrativas que Walter Benjamin (1987, p. 10) - de suas referências e de seu sentido nas composições das nossas histórias -, onde ele nos fala que: "o narrador conta o que ele extrai da experiência - sua própria ou aquela contada por outros, e, de volta, ele a torna experiência daqueles que ouvem a sua história". Para ele, o que distingue o narrador do romancista "é que o último se isolou a si mesmo, dando exemplos de suas mais importantes preocupações, ele próprio sem conselhos e não podendo aconselhar os outros".

Em se tratando de uma viagem com objetivo definido, senti falta de um narrador na trama e de um melhor encadeamento do roteiro. Penso que os atores pecaram por não utilizarem recursos de cena mais criativos, para compor uma história mais saborosa. As cenas em que falam acerca da memória de suas narrativas, quase sempre referendando papéis relevantes de suas carreiras ou de atores consagrados como Al Pacino, Robert de Niro, Marlon Brando... seriam enriquecidas pela exibição de trechos em que eles estariam contracenando. Dessa forma os diálogos fariam sentido.

Percebi que do começo ao fim do filme, havia uma mudança brusca nas cenas, como por exemplo, no início do filme o ator, quando recebe a ligação com o convite para a viagem,

há um breve diálogo e, em seguida, os dois já estão num carro Mini Cooper conversível, numa estrada da Itália. E esta mudança de cenário acontece ao longo de todo o filme. Outro momento em que se configura uma mudança brusca de cena está vinculado ao restaurante e ao instante de degustação. Víamos o garçom ou a garçonete trazer o prato bem servido, falar sobre o que estava sendo servido e, de repente, apareciam os cozinheiros montando os pratos que seriam servidos numa velocidade que perdia o sentido da exibição. Essas imagens se perderam na história, por não serem contextualizadas.

Não havia diálogo entre os atores acerca do alimento que estavam consumindo, a não ser breves elogios, sem muito detalhe. Os atores foram contratados pelo Jornal *The Observer*. Havia também uma fotógrafa profissional para registrar o momento dessa “avaliação gastronômica dos restaurantes”, mas que não estava ao longo da viagem cobrindo todas as visitas aos restaurantes. Nesse caso, percebo um erro de continuidade. Afinal havia um propósito de registrar a viagem.

Os momentos mais significativos do filme estavam relacionados a deslumbrante paisagem italiana. Tivemos a oportunidade de ver um recorte geográfico da Itália, com mudanças significativas na paisagem, com estradas sinuosas, recortadas por túneis, pelo mar, por vilas e por trechos urbanos ou rurais. A fotografia de cada paisagem, com suas especificidades, é simplesmente espetacular. A escolha de restaurantes, localizados na região da Ligúria, da Toscana, de Roma, da Costa Amalfi e da Ilha de Capri, ofertou uma beleza rara. Os hotéis e os restaurantes de cada lugar em que se hospedaram, também foram um deslumbre a parte. Alguns deles

traziam, pela fala de seus funcionários, relatos de eventos envolvendo celebridades.

Os Aspectos históricos dos lugares se ressaltam, como por exemplo, a visita à casa de Lord Byron, as Catacumbas, o Coliseu, a casa na Ilha de Capri onde Brigitte Bardo se hospedou, o cemitério onde Byron estava enterrado, as ruas de Roma, mas não são explorados adequadamente, pelo contrário, são situações que deveriam ter um contexto e na verdade são realizadas como se houvesse um cronômetro marcando o tempo em que as cenas aconteciam e isto me irritava profundamente.

Senti falta de um cuidado maior com o posicionamento das câmeras e de como os atores se relacionaram em cena, tanto em ambientes fechados, quanto nos espaços em que havia uma interlocução com a paisagem. Há uma dificuldade em manter os ângulos entre os atores nas cenas externas, isso fica mais evidente nas cenas do barco e na praia. Se tivesse cuidado melhor das finalizações das imagens as cenas seriam mais harmoniosas. Algo que também deixou a desejar, refere-se à trilha sonora, que merecia a participação de artistas italianos para dar o tom do lugar.

Pensar sobre o que estas três obras tem, de pior, me fez compreender quais os critérios que costumo optar para fazer minhas escolhas. Percebi um traço peculiar acerca do que atribuo significado e isso tem a ver com o meu capital cultural, bem como pela minha trajetória de historiadora, que me fizeram enxergar, para além das convenções sociais, que somos obrigados a integrar e consumir.

REFERÊNCIA

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios sobre Literatura e História da Cultura.** Obras Escolhidas. v.1, São Paulo, Brasiliense.1985.

BOSI, Ecléa. **Memórias e sociedade: lembranças de velhos.** 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação.** In: Nogueira Maria Alice, Catani, Afrânio (org.). 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 25-26.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia.** São Paulo: Ática, 1996.

DELEUZE, Gilles. **Cinema I: a imagem-Movimento.** São Paulo: Brasiliense, 1985.